

Dívida pública dobra nos últimos nove meses

Volume de títulos no mercado chega a R\$ 100,3 bilhões no mês de fevereiro e o endividamento já equivale a 15% do PIB

● **BRASÍLIA.** A dívida em papéis do Governo federal dobrou entre junho do ano passado e fevereiro deste ano, passando de R\$ 48,536 bilhões para R\$ 100,382 bilhões. Com isso, essa dívida já chega a 15% do Produto Interno Bruto (PIB) no mês passado. É pouco se for comparado a outros países, mas muito em relação ao Brasil há menos de um ano. Apenas nove meses antes, em junho do ano passado, essa dívida representava 7,8% do PIB.

A velocidade de crescimento da dívida federal prejudica o objetivo do Governo de conseguir equilibrar as contas públicas. Este equilíbrio era um dos pilares do Plano Real quando foi criado, mas atualmente é um dos principais desafios para a sustentação do plano. O déficit do setor público — incluindo União, estados,

municípios e estatais — fechou o ano passado em 7,35% do PIB. Este ano, começou com o Tesouro Nacional tendo um prejuízo de R\$ 2,8 bilhões em janeiro. Em fevereiro, a dívida federal em títulos públicos aumentou mais 1,4% do PIB, ou seja, deu um salto de R\$ 9,719 bilhões. O crescimento da dívida significa mais dificuldade para conter o déficit público.

Uma agravante é que em fevereiro não houve grande entrada de recursos externos ou liberações do Proer (Programa de Apoio à Reestruturação e Fortalecimento do Sistema Financeiro), que nos últimos meses foram as duas grandes causas para a emissão de títulos. Tanto o ingresso de dólares como as liberações do Proer aumentariam a quantidade de dinheiro em circulação. Se o Governo não emitisse títulos pú-

blicos para, em troca, recolher reais aos seus cofres. O aumento da quantidade de dinheiro em circulação é considerado inflacionário e por isso o Governo prefere emitir títulos e se endividar.

A chance de não precisar emitir muitos títulos por conta dos dólares e do Proer, no entanto, não pode ser aproveitada porque os bancos retiraram R\$ 5,374 bilhões de suas reservas bancárias no BC. Juntando isso aos R\$ 2,212 bilhões que entraram em circulação na troca pelos dólares que o BC comprou e a outros fatores, a quantidade de dinheiro em circulação ia aumentar bastante se o Governo não tivesse emitido os R\$ 8,133 bilhões em títulos.

Um conceito técnico para a quantidade de dinheiro em circulação que inclui as notas e moedas com as pessoas, mas também

as reservas bancárias no BC, é o de base monetária. Com os saques que os bancos fizeram das reservas bancárias, a base monetária caiu 9,9% comparando as médias dos dias úteis de fevereiro em relação a janeiro: de R\$ 20,510 bilhões para R\$ 18,479 bilhões. A diferença entre o total de 29 de fevereiro em relação ao último dia de janeiro é maior ainda: de R\$ 5,426 bilhões correspondentes a uma redução de 24,2%.

A entrada de dólares, fator que influencia a base e o endividamento, melhorou de perfil com as medidas tomadas pelo Governo no início de fevereiro, apesar de as reservas internacionais continuarem crescendo e alcançarem US\$ 54,411 bilhões em caixa em fevereiro. O aumento do prazo mínimo para empréstimos externos de dois para três anos não

impediu o crescimento dessas operações, de US\$ 1,363 bilhão em janeiro para US\$ 1,677 bilhão em fevereiro. Os prazos médios dessas operações, no entanto, também aumentaram de 6,4 anos para 6,8 anos de janeiro para fevereiro, chegando a 7,7 anos para os setores não financeiros. Os investimentos em fundos de privatização se reduziram em 73% com a cobrança do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) a partir do mês passado.

O Banco Central fez questão de divulgar ontem um quadro com as liberações totais do Proer até fevereiro para o Nacional — R\$ 5,898 bilhões — e o total de depósitos compulsórios dos bancos no BC: R\$ 42,234 bilhões. A divulgação do quadro é uma resposta às críticas da deputada Maria da Conceição Tavares (PT-RJ), que

disse que o BC não tinha compulsórios em volume suficiente para usar os recursos para financiar novos bancos pelo Proer.

Além do crescimento da dívida pública, o Governo está de olho também no desempenho da balança comercial. No mês passado, o país registrou déficit de US\$ 7 milhões na sua balança comercial. Em janeiro, havia superávit de US\$ 28 milhões. Em fevereiro, as importações somaram US\$ 3,428 bilhões, enquanto as exportações ficaram em US\$ 3,421 bilhões, devido, principalmente, ao aumento das compras de combustíveis e lubrificantes e bens de consumo duráveis.

O resultado de fevereiro é ainda mais positivo se for comparado a fevereiro de 1995. Naquele mês, o déficit comercial ficou em US\$ 1,095 bilhão. ■